

CANCLINI, Néstor García. Narrar o multiculturalismo. In: _____ *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 4.^a ed., 2001, p. 143 a 160.

Rita Lírio de Oliveira¹

“O que estamos fazendo ao narrar o multiculturalismo e qual o significado dessa operação nas sociedades contemporâneas”. Esta é a preocupação central que o teórico argentino-mexicano Canclini (2001, p. 143) almeja compartilhar com os leitores no capítulo intitulado *Narrar o multiculturalismo*, do livro *Consumidores e Cidadãos*, publicado em 2001. Para tanto, tomando por base os estudos culturais, propõe discutir o estado e o funcionamento contemporâneos do multiculturalismo, por meio de um diálogo com questões costumeiramente tratadas em âmbito literário, como as que versam sobre narrativa e imaginário.

Sabe-se que os Estudos Culturais têm por maiores enfoques as abordagens, problematizações e reflexões relativas à cultura, analisando a produção cultural de uma sociedade, a fim de entender o comportamento e as idéias compartilhadas pelas pessoas que nela vivem, principalmente num tempo em que se procura romper com preceitos tradicionais e conservadoramente arraigados, promovendo a hibridação com novas concepções.

Em suma, os Estudos Culturais se preocupam em intensificar os debates a respeito da cultura e seu significado político. É justamente o que faz Canclini no capítulo citado, ao abordar o multiculturalismo como embate de duas forças: a teorização acadêmica construtivista, que concebe “as identidades como historicamente constituídas, imaginadas e reinventadas em processos de hibridização e transnacionalização” (CANCLINI, 2001, p. 144), e os movimentos sociopolíticos, que “absolutizam o enquadramento territorial originário das

¹ Mestranda em Linguagens e Representações pela UESC. Membro do Grupo de Pesquisa Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER. Site: www.ritalirio.com E-mail: rita_lyrio@hotmail.com

etnias e nações, fixam dogmaticamente os traços biológicos e telúricos associados a essa origem como se fossem alheios às peripécias históricas e às mutações contemporâneas” (CANCLINI, 2001, loc. cit.).

Os Estudos Culturais surgem justamente quando determinados grupos sociais fundamentalistas tentam ainda persuadir e estabelecer que uma identidade corresponde a ser parte de uma nação espacial e culturalmente delimitada, cujos elementos identitários – língua, objetos, costumes – diferenciam tal nação das demais, repudiando e “se opondo às leituras construtivistas do multiculturalismo e ignorando seu caráter polifônico, imaginário e híbrido” (CANCLINI, 2001, p. 147).

Deste modo, Canclini expõe que grande parte da produção artística e literária continua sendo feita como representação das tradições, imaginário e identidades nacionais, voltada para o consumo interno. Todavia, outra parte, cada vez mais extensa, começa a operar de forma desterritorializada, com senso cosmopolita e ecos internacionais.

Canclini demonstra preocupação com a influência dos grupos sociais fundamentalistas, ainda vigente, sobretudo na América Latina, razão pela qual argumenta que cabe aos Estudos Culturais o papel fundamental de fomentar uma maior abertura e transnacionalização das culturas, principalmente conhecendo e entendendo os mecanismos utilizados por esses grupos para preservar o localismo de suas culturas.

É neste cenário que a identidade passa a ser considerada com uma construção imaginária que se narra, haja vista que as referências dessa identidade se formam principalmente nas produções textuais e iconográficas obtidas pelos meios mais modernos de comunicação globalizada, em detrimento das artes, literatura e folclore.

O autor toma como objeto de análise a metrópole superpopulosa Cidade do México, cujo patrimônio cultural, em tempos idos, poderia representar o seu território e a sua história. Todavia, para Canclini, não há como a cidade atual ser narrada, descrita ou explicada como anteriormente o era. Isto porque naquele país como um todo, encontram-se e convivem elementos culturais da América Latina e boa parte do mundo.

Assim, Canclini propõe que a capital mexicana, considerando o crescimento desordenado da cidade, o multiculturalismo presente e as tecnologias comunicacionais modernas, seja vista e narrada como num videoclipe, por meio de uma gama de imagens descontínuas, vindas de todas as partes, e de uma montagem não-linear que não obedece a ordenamentos inflexíveis.

Por fim, Canclini questiona se, num ambiente desconexo e caracterizado pela falta de sentido, podem haver histórias a serem narradas, para depois deixar transparecer que o melhor

a se fazer é encontrar uma fina sintonia entre as forças culturais – tradicionais e modernas – que simultaneamente regem o mundo.